

# Israel perde 24 soldados em seu pior dia da guerra em Gaza

Cresce pressão sobre Bibi por cessar-fogo; 195 palestinos morrem em 24 horas

GUERRA ISRAEL-HAMAS

Igor Ciclov

**SÃO PAULO** Esta terça-feira (23) foi o pior dia para Israel em termos de baixas militares desde que o Estado judeu começou a atacar a Faixa de Gaza em retaliação ao mega-ataque terrorista do grupo palestino Hamas, que comandou a área desde 2007. Vinte e quatro soldados morreram em duas ações separadas.

As perdas aumentam a pressão sobre o governo do Benyamin Netanyahu para achar uma saída para o conflito iniciado há 159 dias. Reportagens sobre as dificuldades militares de Israel e negociações para um cessar-fogo se multiplicam, apesar das negativas do premiê.

Ele mantém o tom desafiador, dizendo no X que apesar de ter tido "um dos piores dias desde que a guerra estourou",

Israel "não parará de lutar até a vitória absoluta". "Temos de tirar as lições necessárias e fazer tudo para preservar a vida de nossos guerreiros", afirmou.

Na sexta-feira, um grupo de parentes dos 171 reféns que Israel diz ainda estão nas mãos do Hamas invadiu o Knesset (Parlamento) para exigir a libertação deles. As mortes dos soldados aumentam a percepção de crise, numa guerra que já é a mais mortal para Israel em 50 anos.

Em 1973, 2.656 militares morreram na Guerra do Yom Kippur. Até esta terça, as perdas israelenses contabilizadas no atual conflito eram 545, sendo que 37 ocorreram depois que Israel iniciou sua inédita invasão terrestre de Gaza, no fim de outubro.

Os números são pífios, em termos de fração da população, ante as mortes de palestinos — mas protestos contra eles são minoritários

no Estado judeu após o massacre sem precedentes promovido pelo Hamas em 7 de outubro, que deixou cerca de 1.200 mortos.

Na segunda (22), o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, registrou 195 mortos, sem diferenciar civis de combatentes. Ao todo, de conta 25.492 falecidos na guerra, uma média de 234 por dia, desde o início dos enfrentamentos.

Dos 24 soldados mortos, 21 caíram quando um prédio em que instalavam explosivos para demolição no sul da faixa foi atingido por uma granada propelida por foguete. RFG na sigla inglesa e arma-símbolo do Hamas. Outros três morreram em uma ação paralela.

Até aqui, Tel Aviv negou condutas de mais sangrentos combates na guerra desde a virtual obliteração do norte da faixa, onde o Hamas supostamente mantém seus centros de

comando e toda a estrutura de governo sobre o território. As Forças de Defesa de Israel dizem ter completado o cerco ao centro urbano de Khan Yunis, principal cidade do sul que foi invadida em dezembro por Tel Aviv. O hospital Nasser, o maior ainda em funcionamento na região, é um dos principais abos das forças — Israel diz que há túneis e infraestrutura do Hamas sob o prédio.

A ação tem gerado protestos internacionais acalorados, com a ONU falando em massacre e a OMS (Organização Mundial da Saúde) correndo combates em áreas hospitalares. Israel aponta para a presença de terroristas imiscuídos nessa infraestrutura, o que é verdade, mas é fato igualmente que pacientes são expostos a riscos, o que é proibido pelas leis de guerra.

Enquanto o drama se desenrola e Netanyahu diz seguir em frente, relatos acerca de um cessar-fogo se tornaram quase diários. Arde americana CNN disse que Netanyahu ofereceu exílio para toda a liderança do Hamas ainda em Gaza em troca da soltura dos reféns.

Até aqui, Tel Aviv negou condições para cessar-fogo. "Não haverá cessar-fogo que deixe reféns em Gaza e o Hamas no poder", disse nesta terça o porta-voz do governo Eylon Levy.

## Putin tenta bloquear ataques de Tel Aviv contra o Irã na Síria

**SÃO PAULO** De forma bastante discreta, a Rússia começou a usar patrulhas aéreas para tentar bloquear ataques de forças israelenses contra abos ligados ao Irã e à ditadura de Damasco na Síria. Os pontos têm sido bombardeados periodicamente desde que estourou a guerra Israel-Hamas.

A manobra implica uma série de riscos de escalada. E demonstra, acima de tudo, um recado sutil de Vladimir Putin a Washington de que ele não pretende deixar seus aliados sem apoio.

Tudo começou na semana passada, quando a mídia israelense divulgou que ao menos um helicóptero russo havia sido visto margeando a chamada Linha Brava, a fronteira a leste do território que separa a Síria das colinas de Góla, tomadas por Israel na guerra de 1967.

Entre ela e a Linha Alfa, do lado ocupado pelos israelenses, há uma zona administrada pela ONU desde o cessar-fogo após a Guerra do Yom Kippur, em 1973.

Na quinta (18), a Rússia abriu o jogo em uma nota da agência Tass. Havia registrado três ataques de grupos rivais do ditador Bashar al-Assad em áreas sob sua jurisdição dentro do programa para desescalar a guerra civil da Síria.

Além disso, um drone americano teria, segundo os russos, violado o espaço aéreo sírio perto de sua base, em Al-Tanf. "Para monitorar a situação, unidades das Forças Aeroespaciais Russas organizaram patrulhas ao longo da Linha Brava", disse o almirante Vadim Kulit.

Só que a Linha Brava está no principal caminho de caças e drones israelenses rumo à Síria. Os bombardeios citados foram perto de Aleppo, no norte do país, e teriam sido feitos por grupos jihadistas. Já o voo do drone americano mencionado ocorreu mais de 500 km a leste da Linha Brava.

Assim, o que os russos querem é dissuadir israelenses e, indiretamente, americanos de agir na Síria. Segundo uma pessoa com trânsito na área da Defesa em Moscou disse à Folha, pedindo anonimato, o Kremlin busca com isso delimitar espaços. IG



UCRÂNIA SÓ ABATE METADE DOS MÍSSEIS EM NOVO BOMBARDEIO DA RÚSSIA

Moscou surpreende defesa ucraniana com disparo maciço contra Kiev e Kharkiv, maiores cidades do país, deixando 6 mortos e 60 feridos

Sequel: Reuters/AFIP

## Conflitos e clima mantêm Relógio do Juízo Final no pior nível

**SÃO PAULO** A proliferação de guerras e o agravamento da crise climática em 2023 mantiveram o Relógio do Juízo Final no nível mais próximo do apocalipse desde a sua concepção, em 1947. A iniciativa foi criada por renomados cientistas envolvidos com o programa da bomba atômica americana, cientes da era que legaram ao mundo.

### Relógio do Juízo Final

Quanto mais perto da meia-noite está o ponteiro, mais próxima está a aniquilação da humanidade

Anunciada nesta terça-feira (23) pela ONG Boletim dos Cientistas Atômicos, a medição 2024 diz respeito aos fatos do ano anterior. O Relógio segue marcando 90 segundos para a meia-noite —horário que simboliza a inviabilidade da vida humana na Terra.

"Seguimos com uma tendência rumo a catástrofe nuclear, e o ano passado foi o mais quente da história", disse a presidente do Boletim, Rachel Bronson. "Mas houve algumas boas notícias. Os renováveis dominam os novos investimentos em energia", completou o membro da entidade Ambuj Sagar (Instituto de Tecnologia da Índia).

Assim como em 2023, os ci-



\*A contagem sempre se refere aos fatos do ano anterior, para o relógio é ajustado em janeiro. Fonte: Boletim dos Cientistas Atômicos

entistas apontaram os riscos do avanço da IA (inteligência artificial) para a segurança global, incluindo desinformação, e indicaram que estudos de biossegurança e o emprego de armas biológicas podem gerar uma nova pandemia como a da Covid-19.

No ano passado, após dois anos, os ponteiros haviam parado para aquele que era então o menor índice da série histórica. O motivo central era a Guerra da Ucrânia, lançada por Vladimir Putin com uma série de ameaças nucleares a quem se colocasse em seu caminho, em fevereiro de 2022.

Não que a situação estivesse muito melhor: em 2022 e 2021, o Relógio já estava no pior momento de sua história, cortesia da ameaça de guerra na Europa, da pandemia de Covid-19 e da irresponsabilidade climática de negociacionistas como o então presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (PL), citado nominalmente como um risco ao planeta.

A saída de Putin do último período de controle de armas nucleares e seus renovos

flertes com o emprego eventual da bomba são citados como graves pelo Boletim. A carnificina na Ucrânia se soma a guerra no Oriente Médio, centrada no conflito Israel-Hamas.

"Como um Estado nuclear, as ações de Israel são relevantes para o Relógio, particularmente se o conflito escalar para uma guerra convencional maior, trazendo outros Estados nucleares ou não", disse Bronson. O aumento do enriquecimento sem controle de urânio pelo Irã, denunciado pela Agência Internacional de Energia Atômica, ligada à ONU, é visto com um fator de risco adicional.

A Guerra Fria e a pontificação por Estados Unidos e China eleva tensões. Conflitos com grande potencial também viram acirramento, como a troca de ameaças atômicas entre as duas Coreias e a perene suspeita de que a China invadirá Taiwan.

Na questão da IA, o painel que analisou os riscos avalia que, apesar dos avanços rápidos na tecnologia, ela ainda está nas mãos humanas. IG